



**NADA, FAZ DE CONTA, NOSSA CONDIÇÃO, NEM TANTO
LEITURA DO CONTO “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” DE GUIMARÃES
ROSA**

**READING OF THE SHORT STORY "NADA E A NOSSA CONDIÇÃO"
(NOTHINGNESS AND OUR CONDITION) BY GUIMARÃES ROSA**

Ana Maria Albernaz*

RESUMO: Nas experiências da liminaridade e da aprendizagem, no impulso mítico que propicia horizonte e catábase encontramos as possibilidades de leitura do conto “Nada e nossa condição”. O *homo viator* explicitamente é Tio Man’Antônio: “transitório”, “transitoriante”, “transitoriador”, muitos modos que é denominado, e nos mostra seu caminho.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa, nada, pensamento, homem.

SUMMARY: In experiences of threshold and learning, in the mythical impulse which provides horizon and catabasis we find possibilities for the reading of the short story "Nada e a nossa condição". The *Homo Viator* is explicitly uncle Man'Antônio: "transitory", "transient", "transmigratory", there are many denominations, and they shows us his way.

KEYWORDS: Guimarães Rosa, nothingness, thought, man.

Ler um conto de Guimarães Rosa é sempre uma experiência de liminaridade. A cada trecho nos deparamos com um sentido que se entreabre, uma apreensão oscilante entre o compreender, que se maravilha, e o não-compreender frustrado. O que se oferece irradiante, logo se retrai obscuro, e quanto mais intuímos menos podemos explicar. A fronteira entre o inteligível e o não-inteligível, o dizível e o indizível, o oculto e o manifesto se embaça. Ler um conto de Rosa é adentrar numa aprendizagem, dispor-se a uma iniciação.

Nosso trabalho, a partir do conto “Nada e a nossa condição” (1969), se inicia com estas duas questões: da experiência de liminaridade, do exercício de aprendizagem ou

* Doutoranda em Poética. Faculdade de Letras, UFRJ. Endereço eletrônico: cardoso1898@oi.com.br



iniciação – ambas, de modo imbricado, são abertas e constituem o texto. Liminar não diz respeito à limitação que definitivamente separa dois planos, mas alude às áreas fronteiriças, ao margeamento indiscernível. No que se afasta da liminaridade se distinguem um lugar conhecido e assegurado, aquele que nos encontramos, e outro distante, alheio, no máximo suposto. No entanto, quando falamos em liminaridade aludimos à possível passagem, ao trânsito, pois liminar é a soleira, o portal, o advento de um princípio. Pensamos a perspectiva liminar associando-a a mitologia do horizonte, que configura a primordial separação genesíaca. O horizonte mítico divide o que na anterioridade só existe como a unidade caótica onde tudo é informe e indiferenciado, e o que aparece originado, cosmogonicamente, advindo da cisão e posterior gênese de duas entidades contrárias. A linha limítrofe do horizonte se instala na zona fronteiriça que distingue um lugar aquém, procedido da unidade primordial dividida, e um lugar além, onde se encontra intacta a unidade.

Desde o mitologema do horizonte pensamos também a questão da aprendizagem. Isto porque do lugar aquém ao lugar além há o acontecimento da abertura de um caminho, uma trajetória ou uma vereda que define um ponto de partida, lugar que nos encontramos, mas não um ponto de chegada. Adentrar em qualquer caminho exige disposição e preparo, a partir daí alguma coisa nos empuxa, alguma interpelação nos chama, algo nos toma e arrebatada, e faz dessa entrada uma necessidade, muito mais que um desejo. O que é essa disposição? Iniciar-se quer dizer entregar-se ao caminho, ao esforço que decerto será requerido. Em termos míticos, o caminho mais árduo, talvez, o caminho de todos os caminhos, é aquele que conduz aos Infernos, a descida aos íferos – a catábata. Nele se consigna o impulso mítico (SOUZA, 1988) de todas as viagens, que como investidura existencial implica numa iniciação permanente. A cada



movimento, a cada trecho do percurso, a aprendizagem se completa e obriga reinício, assim aquele que é iniciante já é o iniciado, e inversamente, o iniciado ainda e sempre é iniciante. Nessa reiteração se encontra a persistência do princípio originante sobre o originado e a própria origem. As catábases são movimentos de despojamento de mundos já constituídos e anseio pela renovação, se constituem a partir das forças do abandono e da busca – nelas se situa o mencionado princípio originante.

Nas experiências da liminaridade e da aprendizagem, no impulso mítico que propicia horizonte e catábase encontramos as possibilidades de leitura do conto “Nada e nossa condição”. O *homo viator* explicitamente é Tio Man’Antônio: “transitório” (ROSA, 1969, p.83), “transitoriante” (p.86), “transitoriador” (p.88), um dos muitos modos que é denominado, e nos mostra seu caminho. Quem é Tio Man’Antônio é a primeira pergunta que fazemos. Logo depois, não tão seguros da propriedade dessa primeira pergunta, indagamos: O que é Tio Man’Antônio? O que quer aquele que é Tio Man’Antônio? Quais são as forças que dele se apoderam, e lhe dão sentido? Qual é o seu caminho, como se constitui? E enfim, a pergunta que talvez devesse ser a primeira: Que nada é esse que comparece no título, porque o nada? Como o nada se mostra?

Também aqui se ensaia um percurso, uma catábase. Toda leitura parte de uma obscura leitura inicial, impactante, mas de superfície, que no esforço do pensamento busca alcançar alguma coisa, uma orientação onde habitualmente se sustenta o nosso entendimento. Entretanto, como incipiente ponto de partida, o que nos parece grandioso em cada poema, caso estejamos abertos para tanto, é isso que vemos e não vemos pela primeira vez, isso que se mostra, mas não se demonstra. Enveredar num caminho de interpretação é se arriscar na perda dessa perspectiva original e dedicar-se ao reencontro.



Iniciamos nossa leitura do conto “Nada e nossa condição”, buscando a meditação do sermão “Sobre a pobreza” de Mestre Eckhart (1999) onde se encontra uma meditação acerca dos *pobres em espírito, os bem-aventurados que receberão o reino dos céus* (Mt 5,3). De alguma maneira vemos Tio Man’Antônio no homem pobre – que nada quer, que nada sabe, e que nada tem – da mística de desnudamento do mundo.

Resumidamente, reproduzimos o que nos chamou atenção no sermão, e destacamos algumas de suas palavras.

Explicitando o que é a pobreza que *nada quer*, diz Mestre Eckhart: *Porquanto tenha o homem verdadeiramente pobreza, deve ele estar tão vazio de sua vontade criada, como ele se encontrava, quando ainda não era* (p.191).

Quanto ao *nada saber*, diz: *o homem deve estar vazio de seu próprio saber, assim como ele o fazia quando ainda não era, permitindo que Deus opere o que queira e o homem permaneça vazio* (p.192).

E finalmente, quanto ao *nada ter*, o homem o encontra *quando (...) estiver tão vazio de Deus e de todas as suas obras que Deus, porquanto queira agir na alma, seja ele mesmo toda vez o lugar onde queira atuar* (p.193).

De um lado do horizonte, o homem quer, sabe e tem - então ele não é pobre - de outro, o homem nada quer, nada sabe, nada tem – esse homem ainda não é, não é quem? Aquele que no lado aquém do horizonte quer, sabe e tem? Onde está o homem, afinal? Há um caminho de riqueza entre o nada querer e o querer, o nada saber e o saber, o nada ter e o ter, e um oposto de pobreza, que vai do querer ao nada querer, do saber ao nada saber, do ter ao nada ter? Talvez essa questão esteja mal colocada. Na condição de pobreza, de que fala Mestre Eckhart, querer e nada querer, saber e nada saber, ter e nada ter se contrariam, mas não se opõem, como não se opõem, mas se contrariam, riqueza e pobreza.



A contrariedade é conversível em harmônica complementaridade, de modo que os pólos interagem, suscitando um ao outro. A pobreza, isto é, o esvaziamento, a nadificação, é concebido como a riqueza, ou antes, a condição que provê a riqueza, a graça da bem-aventurança. Querer é nada querer, saber é nada saber, ter é nada ter.

Neste processo se destitui a dialética que opõe o eu subjetivo que, objetivamente, quer, sabe e tem o mundo a partir de seu lugar centralizado. O abandono ao centro que o homem permanece arraigado só pode acontecer, autenticamente, na radicalidade do abandonar do próprio Deus, ab-solvendo o Ab-soluto (SOUZA, 1988). Assim, na plenitude do Vazio, homem-mundo-sagrado pode emergir – irrompe a graça da bem-aventurança que os congrega.

Desde esta tripla condição de pobreza percebemos delineado o vazio que constitui nossa condição, entrevista a partir daí uma possibilidade de leitura do título do conto. A questão que nos colocamos inicialmente é se o “nada” e a “nossa condição”, entre si, se relacionam como paridade ou identidade, quer dizer, se na conjunção aditiva “e” não estaria escondido o verbo ser, conjugado “é”. Talvez algo que o conto nos mostre é que “nada” e “nossa condição” não são igualáveis, embora estejam sumamente próximos, cabendo ao homem a graça de alcançar a mesmidade.

Seguindo as condições ditadas no sermão verificamos na trajetória de Tio Man’Antônio três momentos no sentido acima aludido. A partir deles é desenhado um movimento de pobreza. Primeiramente percebemos a configuração primitiva da indiscernibilidade homem-mundo-sagrado – assim vemos Tio Man’Antônio no preâmbulo do conto, antes da interferência da morte de Tia Liduína. Ali ele *nada queria*; depois, acompanhamos o esforço inventivo de um mundo e um homem renovados – Tio Man’Antônio dramatiza o *faz de conta* e recria a fazenda. Ali ele *nada sabia*; e por fim



observamos a transcendência própria da renúncia e da nadificação. Então, encontramos a ulterior destituição, o máximo abandono implicado no declínio até a morte. Ali ele alcança o *nada ter*. Na consumação do processo a irredutibilidade do homem e o absoluto se encontram no nada excessivo, o fim último retorna como princípio primeiro. Obviamente, estes mo(vi)mentos não são estanques, mas cada um se antecipa e permanece remanescente nos demais, como a fluência da memória. O imemorial dos contos de fada remonta diz a participação congregadora de todos os tempos, pretéritos e futuros, na temporalidade que submete a existência.

1. Pensar o não pensamento

Tio Man'Antônio, sobressai homem dentre os homens. Sendo um, como os demais, é, no entanto, único: *Na minha família, em minha terra, ninguém conheceu uma vez um homem, de mais excelência que presença* (ROSA, 1969, p.80). Transparece assim o seu sentido arcaico, a primordialidade de sua figuração mítica. Embora não seja de outro lugar nem de outro tempo na sua personificação os traços do outrora e da lonjura imemoriais pertencem somente às *futuras estórias de fadas*, onde seria *o velho rei ou o príncipe mais moço* – posições que circularmente percorrem o trajeto da existência até a coincidência. O “Tio” do seu nome generaliza o parentesco que se espalha múltipla e indiferentemente por todas as gerações de homens, mas embora destacado, é “umanan”, desafiante do individual, humano como todos nós.

Era fazendeiro, portanto, aquele que faz e fará, o eleito para todo o fazer na fazenda que se ergue solitária e primeira na paisagem, fundante de uma localização, que elevada e transluzente reforça a circunstância de estarmos ante a situação inaugural. Inaugura-se homem-mundo em copertencência e mútua adoção: *Essa fazenda, Tio*



Man'Antônio tivera-a menos por herança que por compra (p.80), assim, embora genuíno e legítimo herdeiro do que é sua fazenda ou seu mundo, se engaja no projeto também como comprador, ou seja, alguém que elege e se empenha no oferecido. Tio Man'Antônio não é sujeito nem indivíduo, sua singularidade de homem não o faz projeção do que vem a ser humanidade. Essa é sua consistência mítica, sua estranheza maior.

No desenho da fazenda o mundo se perfaz pleno, insinuante de grandiosidade e transcendência. Tio Man'Antônio o completa, difunde sua marca humana, lhe dá correspondência ao prosseguir o gesto criador. Mistura o que é a parte comprada com a parte herdada. *...fruta, flor, couro, madeiras, fubá fresco e excremento de vaca...* como verso do reverso de *escada, varanda, caibro, sino e escravos assenzalados...* (p.80). Sua mulher, Tia Liduína, vela e desvela a naturalidade e a gratuidade que nesse homem e nesse mundo se entrelaçam, assim sua presença, *certa para o nunca e sempre* (p.80) tem um poder de permanente influência, mesmo quando ausente, como se verá com o seu falecimento. Liduína pode aludir à lida, o que é nossa luta, nosso esforço, o *suor do nosso rosto*, a contrapartida da graça divina, nossa condição. Ao trazer no seu nome o sentido da vida, a partir dela se instaura a morte. Na caracterização das filhas, diferentemente, sobressalta a medida do possível, uma justeza, mas certa carência de abundância *supridamente sentiam que o amavam* (p.80). Principalmente se as comparamos com a magnificência da paisagem e da casa da fazenda.

Nesta configuração inicial aparece o que virá como desdobramento da trajetória porvir, seus princípios e propósitos. Tio Man'Antônio é pouco assimilável, *a respeito dele, muita real coisa ninguém sabia*. (p.81), mostra-se visível só parcialmente, enxergado ao longe. Na estrada longínqua “à beira de despenhadeiros e crevassas” (p.81) ganha um esboço de presença, desde a origem, aparece como aquele que se entrevê num caminho. Sua condição viajante preconiza uma indagação, a inclinação de uma pergunta, é ele mesmo a via da sua



viagem. Mas a natureza dessa questão não se mostra clara, é como se *propenso a tudo* (p.81), ainda não estivesse no ponto da formulação. Não havendo fratura entre homem e mundo, existe a possibilidade discernível e dizível de um pensamento? Certo é que não há o que se chama cosmovisão porque nesta é demandada a iniciativa de uma consciência delimitadora que distingue o que é o visado. Neste sentido o pensamento pode se assemelhar ao delinear do horizonte que circunscreve um panorama de indagação ou exploração, e assume – levando-a em conta, ou não – a restrição prospectiva da visão para o que se encontra além da linha divisora. Quando se imagina, porém, a perfeita e pura conjunção transparente dos dois lados do horizonte o pensamento fica sem lugar, o campo sem caminho. Tio Man’Antônio no entreabismos, no entrecruzamento de infinito horizontal e vertical, entretanto, é uma promessa de pensamento porvir, porque nele a aderência se acompanha da confiança e da devoção. Em cumplicidade com os divinos *Rei-dos-Montes* ou *Rei-das-Grotas* (p.81), como um pacto silencioso com o sagrado Tio Man’Antônio *De si para si, quem sabe, só o que inútil, novo e necessário, segredasse; ele consigo mesmo muito se calava.* (p.81) Tudo é originário nessa relação primordial, *os futuros antanhos* (p.81), aquilo que perfaz todos os tempos. Não havendo um eu diviso de um mim – *pois era assim que era, se;* (p.81) – a nadificação já plenamente, se dispõe. Mas essa não é a destinação de Tio Man’Antônio, homem arcaico, nele se antecipa a inscrição de um caminho. Este sentido parece se guardar na pergunta: *Seduzível conheceu-se, ele, de encarar sempre o tudo?* (p.81). Na amplitude da abertura ao mundo o homem absorve a si próprio, como Narciso, que sucumbe engolfado pela força contemplativa.

Tio Man’Antônio, não se extravia dissolvido na contemplação, pois que para ele a catábase, ou seja, o caminho ainda principia. Assim consideramos que com a pergunta acima a pobreza do “nada quer” que o configurava até então na narrativa, anuncia um



declínio e, ao mesmo tempo, apresenta a predisposição para o movimento metamórfico que virá a seguir. A morte de Tia Liduína, portanto, não é detonante desse virada, pois o sentido da mortalidade nos arrebatava não a partir da morte do outro, mas desde o agravamento da nossa própria vida. Tio Man'Antônio traz a morte já dentro de si, como contrapartida de sua vitalidade. A morte da pessoa próxima e amada mais nos conduz ao jogo da contrariedade de presença e ausência, sendo o sofrimento o resultado dessa permanente desestabilidade que é inevitável. Quanto mais próximos estávamos da pessoa que morre mais parece difícil e doloroso enfrentar sua ausência presente. Não existe o “co-morrer”, mas apenas o conviver.

Tia Liduína, na existência de Tio Man'Antônio será sempre a imagem projetiva de presença e ausência, mais vigorosa como ausência, inclusive porque nele a nadificação é o destino. Daí que sua morte é quase esperada, talvez aguardada como um trecho de caminho.

2. Não pensar o pensamento

O segundo movimento do conto se inicia com a morte de Liduína, segue-se a primeira metamorfose de Tio Man'Antônio. Na experiência da contrariedade aludida percorre na casa tudo o que de Tia Liduína transcendia presença. Nesse sentido é que Tio Man'Antônio, em seguida ao desaparecimento da esposa, repassa todos os cômodos e quartos de sua casa. Entretanto é na constância do mundo que se doa como perspectiva permanente *como dantes e ainda antes* (p.82) que ancora a continuidade do projeto desconhecido que é sua existência. Viu o horizonte, nele enxergou o oferecimento de um lugar por onde empreender uma trilha. Incipientemente já *murmura*, ainda que na indefinição de *som e sentido*. Adiante se verá como a ausência de Liduína converte-se em *finha música e imagem* (p.83). No advento dessa possibilidade de transformação consiste o segundo movimento de Tio Man'Antônio, na transição atravessa uma passagem. Percebemos a mudança, nitidamente, na seguinte colocação: *Ele, por detrás de si mesmo, pondo-se de parte, em*



ambíguos âmbitos e momentos, como se a vida fosse ocultável; não o conheceriam através de figuras. (p.82). Primeiro, aqui se insinua a divisão do “eu” e do “mim”, que mencionamos antes, o “um” coeso anterior se multiplica e propicia o que pode ser chamado de uma conversa na interioridade, primórdio de pensamento ou talvez pensamento mesmo já verificado, embora não reconhecido. Em segundo lugar, no seu “por à parte, sua vida, ocultando-a” transporta para a esfera vital o jogo da ausência e da presença que na circunstância habitual e comum é de domínio exclusivo da morte. Conferir precedência à vida é que lhe amplia o sentido tornando-o *mais que figura*. A imagem de Tio Man’Antônio que dali provém alcança uma excedência: *translúcida, insabível, indizível* (p.82).

No decorrer da passagem apresenta-se a urdidura dessa possibilidade, consignada na sua resposta à filha Felícia, que vocacionada pelo nome à busca reta da felicidade, pergunta pelos *traíçoeiros altos-e-baixos* (p.82) da existência. Tio Man’Antônio, *diz essas palavras, que daí seriam as suas dele, sempre. ...Faz de conta, minha filha...Faz de conta* (p.82). O que é o faz de conta? A princípio o faz de conta é simplesmente o criar, o invencionar, o imaginar. A questão é o que se descerra a partir daí. No fazer de conta atingimos o clímax da nossa possibilidade poética. Ficcional, fingir, jogar é libertar-se. O que a princípio denominaríamos de artifício, mentira ou ilusão na verdade é sua contrapartida. No faz de conta inventamos todas as verdades que precisamos, todas suficientes embora provisórias, todas limitadamente humanas. No faz de conta é celebrado *o poder de uma liberdade* (p.82): o poder que sabe nada poder – *fosse qual mais forte e destemida esperança* (p.82). Tio Man’Antônio traduz assim a infinitude que é própria à finitude humana.

O faz de conta, reiterada apropriação pessoal como palavras *suas dele* (p.82) é a máscara que dionisiacamente comporta e propicia a multiplicidade criadora, não é a simulação nem o disfarce, mas a abertura ao vazio gerador, por isso aproximação da vida sempre renovável de Dioniso.

Nesse domínio transcorre a parte central do conto, a experiência do *Faça-se de conta* (p.83) que é assunção íntegra no enviar do próprio destino. Tio Man’Antônio é então chamado de *transitório* (p.83) – qualidade importante que reúne o trânsito da transformação à provisoriedade. É como se desde Tio Man’Antônio fosse transmitida a sujeição à finitude. Aliado ao faz de conta, a transitoriedade reverte o que nela é associado à fatalidade, a morte que determina o efêmero; em vez disso, ao transitório é oferecida a metamorfose do poder movido pelo criar.



Na conjunção de caminhante e demiurgo põe em obra sua obra e todo envolvido no processo de criação, reinventa a fazenda. Tudo se faz sem alarde, sem que seja produzido um plano, na invisibilidade da ausente presença. *Nada dizia, quando falava, às vezes a gente mal pensava que ele não se achava lá, de novo assim, sem som, sem pessoa* (p.83). O indefinido murmúrio, anterior, se transforma na indizibilidade dessa fala conquistada que é de mando. Porque o projeto engloba a vida de muitos, seus serviçais, *seus pés-no-chão muitos camaradas* (p.83) que lhe doam suas vontades, confiantes. Todos o seguiam impulsionados por sua força maior. *Faz de conta, minha gente...Faz de conta... –em seu bom sussurro* (p.83). Nessas muitas variantes na sonância da linguagem se resguarda a rica possessão de um lugar, do seu lugar, do lugar do homem. Tudo se abre a partir do encontro das palavras da poiesis. Tio Man'Antônio assume este encontro consonante com as palavras, e assim rege, comanda, realiza o faz de conta, lhe dá continuidade como realidade feita de conta. Os outros o acompanhavam serviçais sem entender o percurso de seus trabalhos, guiados, esquecidos de seus próprios destinos. Tio Man'Antônio, ao contrário, investido no seu, fazia de conta tão completamente que o fazer torna-se procedente, descoberto, em estado de alerta ao movimento de seu querer. *...o encoberto dele a todos se impunha, separativo. Acordado, querente, via-se.* (p.83). Contudo, *fazia ou sofria as coisas, sem parar, mas não estava, dentro em sua mente, em tudo e nada ocupado* (p.84). Será o mesmo de não pensar? Ao contrário, refere-se a um pensar intenso, mas engajado na ação do fazer, não na suposta autonomia de uma consciência maquinante. Quando criar e pensar são o mesmo, é que há um desenrolar de vida que toma a dianteira. Na oportunidade dessa coincidência o fazer de conta é a criativa proposição de um sentido realizante como possibilidade sempre aberta de futuros, de devir.

O faz de conta realiza a vida como dramatização. Esse é o método, o caminho, de Tio Man'Antônio. A experiência da existência não acontece empiricamente, se exerce no próprio movimento de correspondência à vida oferecida. Encenar a existência é existir, pois não há “existência em si”, prévia ao exercício de aceitação e continuidade. Conceber a existência, como acolhimento à proposta que efetivamente se encontra em realização, como a receptividade ao convite ao jogo, a uma dança que já está acontecendo é a confirmação de vida. Dramatizar, encenar não é simulação, o engajamento – adesão de nossa força, à criação é como se dá nossa inserção concordante ao que sempre se dá. Por isso essa palavra “faz de conta” é tão importante em Tio Man'Antônio que é, nele mesmo,



a elaboração de homem-mundo. A pergunta que enceta o faz de conta só poderia ser formulada por Felícia, a partir dela se projeta o rumo da autêntica felicidade.

De arte que inventava outro sorrir, refêto ingênuo; (p.84). Primordial, se inaugura, pleno, realizado, feliz, como caminhante e inventor de um caminho próprio. Mas as filhas, que o amavam, estranham e rejeitam o que se mostra, por quê? Uma resposta possível seria que isso ocorre como a contrapartida que todo caminho de criação decorre em solidão, não compartilhável. Criar é encontrar a solidão, desvencilhamento do comum, portanto não é isolamento, mas exercício de libertação, de entrega dedicada à criação. Enredado na destituição e no aniquilamento a criação não transita pela apreensão habitual. Nesse sentido entendemos a interpelação da *filha dileta Francisquinha, aflita meigamente* (p.84) ante tantas transformações na fazenda. *Se não seria aquilo arrefecido sentimento, pecar contra a saudade?* (p.84) Tio Man'Antônio inaugura outras paisagens com seu esforço, reinaugura-se assim a si mesmo, reinstala e principia a vida. *Realmente, reto Tio Man'Antônio se semelhasse, agora, de ter sido e vir a ser. E de existir –principalmente.* (p.84). Identificado como caminho para frente e para trás, investido de temporalidade, compatibilizado com o real realizado, além do florescimento novo e inesperado dos campos, Tio Man'Antonio *sem querer também profetizara, nos negócios* (p.85), e a todos os demais fazendeiros ultrapassara.

Nem tanto, filha... Nem tanto (p.84), essa é a resposta que dá àquela aludida indagação de Francisca, como que correspondendo ao que repercute do seu nome. Nele ressoa a humildade que faz transcender a criação, ou melhor, faz recriar a criação, porque nele se encontra a bem-aventurança provinda da pobreza que concede o nada infinitamente criador. “Nem tanto” como a segunda palavra de Tio Man'Antônio é mais que a virtude de contenção na exaltação de seus sucessos, é sim, esse acesso ao segundo veio da pobreza que é “não saber” – *adivinbo (...) manso tanto, ele se desdenhava* (p.85) alegremente de seus acertos. Adivinhar seria, saber não sabendo, ou o contrário? Na verdade, tanto faz, de qualquer modo a adivinhação pertence a um ramo próximo ao faz de conta. Seu conceder atenção às *verdes próximas vertentes campinas* (p.85), não afasta o olhar permanentemente voltado à montanha, sinalizante de um sentido mais amplo.

Retornamos aqui ao motivo da catábase, lembrando que ascensão e descensão são alternativos meios de referir ao transcendente. A montanha e o abismo são intercambiáveis como possibilidades de envio catabático. Não é a procura de algo como



uma verdade que induz esse movimento, não há busca; ele se impulsiona pelo que é desconhecido no interior do conhecido, ele é a experiência do rumo de encontro a esse desconhecido.

Nessa terceira fala, segunda palavra, se dá comedimento ao “faz de conta” que, descomedido, pode levar ao disparate. Não seria um risco extraviante o faz de conta delirante que exacerba seduzido por seu poder criador? O “nem tanto” re-situa o faz de conta na incerteza do equilíbrio precário da existência – ínfimo e grandioso, ordinário e extraordinário, pobre e rico, e como medida que dá o balanceamento, duplamente requisita o que se contraria. A partir do “nem tanto” conjunto ao “faz de conta” é propiciada uma conciliação, um suporte provisório ao que se apresenta no título: o “nada” e a “nossa condição”, juntos aqui estes quatro, pela primeira vez, como abalizadores de Tio Man’Antônio, de todos os homens.

Nesse ponto da narrativa, uma festa para celebrar o aniversário da esposa falecida, comemoração *para enganar os fados* (p.85), encena a reflexão mútua daquelas duas falas. Na festa fica suspenso o decurso das coisas, a partir dela um sentido é inaugurado ou reinstaurado, um ordenamento se inicia. As três filhas noivaram, casaram, foram embora. *Ele, permaneceu, de outrora a hoje-em-diante, ficou, que.* (p.85). A perspectiva originante de vida-morte é radicalmente reafirmada. Duas questões fundamentais foram abertas por duas das três filhas, a questão da terceira filha, não formulada, é aquela que pergunta pelo fundo mais fundo da existência, derivada no silêncio. Reunidas estas questões, reúnem-se as três filhas *...já indivisas partes de uma canção.* (p.85).

3. Pensar o pensamento

Entregue a casa, entre abismos e montanhas, continua o caminho, e se inicia como que uma terceira passagem. *...—no pérvio* (p.85), quer dizer, no trânsito, em movimento de solidão. Tio Man’Antonio, renovado e renovador, sem abnegar do que é *movida e muda matéria* liberta-a da objetividade, como uma redenção. No mesmo gesto se afeiçoa e se despede das coisas, lhes restitui a simplicidade que é própria, a nobreza e a modéstia que é de tudo, promove a reconciliação restauradora de homem-mundo. *...como se o mundo-no-mundo lhe estivesse ordenando ou implorando, necessitado, um pouco dele mesmo, a seminar-se* (p.86) –



tarefa que confere à Tio Man'Antônio intimidade ao enlaçamento sagrado propiciador daquela união. Será este o sentido do *buscar-se, no futuro, nas asas da montanha* (p.86)? O encontro possível com o sagrado?

Inicia então o movimento de renúncia aos bens materiais, e o que os concerne: *humanas fragilidades* (p.86). Doa e distribui suas terras, se desapropria, se despoja de todas as posses. Retalhar a fazenda não significa aqui a fragmentação, é *parte que pede o todo (...)* *o vazio [que] chama o cheio* (p.86) em harmonização, em movimento cósmico, em plenificação. Tio Man'Antônio reserva para seu resguardo apenas o que transborda de todo cheio, a *terra das terras* (p.87).

Na trajetória, primeiro, é iniciante, quando *pensava o que não pensava* (p.81) – surdo aquiescente, que afirma e aceita a gratuidade do mundo ofertado; Agora, iniciado, *...não pensava o que pensava* (p.87), convertido em *transitoriante* (p.86), mais que *transitório* (p.83) coloca-se a si mesmo no trânsito, integralmente entregue à realidade que é trânsito. Já não há retorno senão no caminho da abdicação, o pensamento mesmo se envia, espera confiante a desconhecida destinação.

O grande movimento é a volta (p.87). Nessas palavras enigmáticas se guarda o sentido – grande – do percurso de Tio Man'Antônio, não passível de decifração. O fazer é a ida, o desfazer, a volta? *Pensar o que não pensava* (p.81) é a ida, “...não pensar o que pensava” é a volta? Primeiro a ênfase é no pensante, e depois, a ênfase é no pensamento que se pensa destituído da decisão? Nesse percurso a volta é grandiosa porque nela acontece a transcensão, a abertura para o novo, por isso ela é um grande movimento, mesmo sendo, ela mesma, o não-movimento.

Tio Man'Antônio mais que doar as terras, doa aos seus servos o seu próprio faz de conta. Estes, entretanto, não o podem receber, ele é intransmissível, diz respeito ao encontro e domínio da destinação que é caminho de criação de cada um. E embora o seguissem por todo o percurso, não são parte do caminho – *durante o ignorar de anos, não os tinha de verdade visto consistir* (p.87) Quem são; o que são; o que querem os homens? Pelo modo como receberam –*rejubilavam-se de rir, mesmo assustados, lentos puladores, se abençoando* (p.87) sabemos que aceitavam muito bem o ato de receber, sempre vantajoso; diferentemente, o ato de doar, é incompreensível ou sem sentido – a consciência e a alienação se misturam no aplauso e na aceitação. Parece que o que foi doado difere do



que é recebido. Assim, o haver recebido a doação, não os faz senhores da terra, como Tio Man'Antônio, só os torna proprietários, donos, e por isso os títulos de posse – *declaração a tinta, por trás da data, tempos antes do depois* (p.87). Tio Man'Antônio pertence há um outro tempo, não datável: o “antes”; aos homens caberá o “depois”.

A casa se conserva daquele movimento de volta, ao contrário, mantém-se como a perspectiva de onde o movimento se propaga. Da visão que a casa propicia, Tio Man'Antônio pode ver o mundo *sempre com um fundo de engano, em seus ocultos fundamentos* (p.87). Aparece a casa então como a fornecedora do faz de conta, é ela que primeiro aponta o *Nada* (p.87), sendo depois aquela que proporciona o *Talvez não* (p.87). O faz de conta seria a linguagem, morada que nos guarda e constitui (HEIDEGGER, 1967)? A partir dela vêm o *fazia de conta nada ter* (p.87), o *fazia-se, a si mesmo, de conta* (p.87). Quer dizer, desde a linguagem o “não ter” se converte em “ter”; o “nada” se converte em “tudo”. Desde a linguagem, o “fazer” se converte em “ser” e o “ser” em “um eu”. Poderíamos dizer que Tio Man'Antônio e a casa faziam de conta, mutuamente, conter um ao outro? A casa, agora, se metamorfoseia no cântaro que doa o vazio; e, circularmente, a libação se transforma no faz de conta, ambas as oferendas de everter a vertência, o trânsito, o caminho.(HEIDEGGER, 2002).

E os homens, os outros? Parcamente, mas não pobrememente, *faziam de conta que eram donos* (p.87). Todos fazem de conta, mas na diferença entre o que é parco, e o que é pobre, se distingue o que é minguido, frouxo, poupado para o que é abundante, firme, pródigo – lugar da pobreza de Tio Man'Antônio que já “nada tem”. Falamos do “nada quer”, do “nada sabe”, mas nessa terceira condição é aquela onde se encontra e se dissemina o maior mistério da pobreza.

Como diz Mestre Eckhart (1999), consideramos imediatamente que o “nada ter” é abdicar e abnegar de toda posse, de todos os bens materiais e imateriais, no entanto, o que nele se refere vai além desse sentido de desprendimento. A pobreza que se revela nesta condição é a mais misteriosa, porque é ela mesma, uma riqueza imensa, desconhecida e inatingível. Mas, qual é o processo que leva uma pobreza se converter em riqueza – bem-aventurança? Sabemos que de onde nada é, tudo provém – ou seja, que somente onde nada existe, é que algo pode aparecer – princípio aceitável, vivenciado em muitas situações correntes de nossa vida. No entanto, é possível pensar e



experimentar a radicalidade desse “nada”, desse “algo” e desse “tudo”? Esse é o sentido da catábese, esse é o sentido do sacrifício – a questão é: em que situação o homem empreenderá uma catábese e um sacrifício, ato mais condizente com os deuses.

Tio Man’Antônio, extraordinariamente, é homem que sonha, quer, se conduz nessa impossível tarefa – daí, talvez, por isso os demais, também só humanos homens...*milenar e animalmente, o odiavam* (p.88). “Animal” não sendo aqui o contrário de homem, mas a reiteração demasiada do humano.

Nos últimos dias da sua existência Tio Man’Antônio *se afastava – dele a ele e nele* (p.88). Prossegue assim a marcha de desprendimento máximo do si, encontro do irreduzível eu, realidade singular que acompanha até a morte, que adiante, dá-se. Distanciar-se de si corresponde ao fazer o *não-fazer-nada* (p.88), em processo de integral nadificação. Estranho é que então *pensava o que pensava* (p.88).

Nos percursos anteriores se distingue um fazer que se aproxima, até a coincidência, do caminho – fazer o faz de conta, fazer o não-fazer. Vemos, contudo, nessa passagem – *Se de nunca, se de quando* (p.88) uma diferença. Tio Man’Antônio ao pensar o pensar, talvez pensar o pensamento, identifica o pensar e o caminho, tomando-os como um só. Poderíamos dizer que no trânsito completo do pensamento acontece a catábese?

Primeiro *transitório* (p.83), depois *transitoriante* (p.86), afinal *transitoriador* (p.88). Da dor do trânsito à transitoriedade da dor; de senhor da terra ao senhor do trânsito. O homem pode pensar o trânsito, mas não pode pensar o nada, nem a dor – daí, dá-se a morte,...*o que não se pode seguir em idéia* (p.88). Assim como a vida, a morte também é faz de conta, princípio e nossa condição, que Tio Man’Antônio anuncia como *príncipe* (p.88).

No corpo morto de Tio Man’Antônio se esvai a força da sua presença, em torno do que dela ainda infunde sua excelência os homens se reúnem mais motivados pelo temor do que poderia ser um retorno fantasmático. Cumprem-se assim as exéquias formais destinadas ao despojamento terminal da vida, desnudamento de sua última vestimenta. *...porque morreu, deviam reverenciá-lo, honrando-o no usual.* (p.88). Assim se celebra a morte como final que exclui o princípio.

Tudo tenderia mesmo à finalização, não fosse a *Casa* (p.88), engrandecida a partir da morte de Tio Man’Antônio, subitamente resplandecer e recobrar o sentido do que se



dissipava:*incendiou-se-se de repente* (p.88). No fencimento do primeiro homem, a Casa como a linguagem que descreve o círculo de diferença do homem, se consoma no fogo inaugural que alastra, abre o âmbito maior, descerra mundo. Aparecem então nessa consumação vestígios infernais, pútridos. *Suas labaredas a cada usto agitando um vento, alto sacudindo no ar as poeiras de estrume dos currais, que também se queimavam, e assim a quadraginta escada, o quente jardim dos limoeiros.* (p.89). E também os homens como tormentosos habitantes do inferno:....*que pulando gritavam, sebestos, diabruros, aos miasmas, indivíduos. (...)* ...*pedindo algo e nada, precisados de paz* (p.89).

Esta imagem infernal realiza o percurso da viagem catabática. O inferno alcançado é, horrorosamente próximo, nosso presente, avesso ao percurso da negatividade sagrada de Tio Man'Antônio. Este se eleva no ato de sacrifício que não tem razão nenhuma, não redime nem é salvador, não traz nada, não quer nada *como se vã e vagalhã, sobre asas, a montanha inteira ardesse* (p.89). É difícil entender Tio Man'Antônio. Suas cinzas que retornam à terra que é senhor permanecem como a memória a partir da qual vamos sempre recorrer e reinventar sentido. *Ele —que como no Destinado se convertera* (p.89).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ECKHART. “Sobre a Pobreza”. In *O livro da Divina Consolação*. Trad.Gilberto G.Garcia. Petrópolis, Vozes, 1999, p.189-200.
- HEIDEGGER, M. “A coisa”. In *Ensaio e Conferências*. Trad. Emanuel Carneiro Leão Petrópolis, Vozes, 2002, p. 143-160.
- Carta sobre o humanismo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- ROSA, J.G. “Nada e a nossa condição”. In *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p. 79-89.
- SOUZA, E. *Mitologia I. Mistério e surgimento do mundo*. Brasília, UNB, 1988.